



O FREVO COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ESTUDO TÉCNICO DO TROMPETE

Autor: Everton Santos Goes
Orientador: Niraldo Riann de Melo

Resumo. O presente artigo tem como objetivo descrever como o frevo pode ser utilizado como ferramenta didático-pedagógica para o estudo do trompete. Na fundamentação teórica, discutimos sobre importantes conceitos relacionados às classificações e subclassificações do gênero musical frevo e a inserção do trompete em cada uma delas, além dos aspectos que envolviam o processo de aprendizagem dos trompetistas de frevo. A metodologia foi construída a partir dos pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa e do estudo multicaso, tendo a entrevista semiestruturada como principal instrumento de coleta de dados. Observamos certa escassez de materiais didáticos voltados para o estudo dos aspectos técnicos e estilístico do trompete no frevo, bem como uma predominância dos aspectos que envolvem a aprendizagem informal do gênero. Por fim, houve a necessidade de criação de composições didáticas que pudessem auxiliar na compreensão do potencial pedagógico do frevo no processo de aprendizagem do trompete e aspectos estilísticos do próprio gênero.

Palavras-chave. Frevo. Ferramenta. Pedagógica. Trompete.

Title. The frevo as a didactic-pedagogical tool for the technical study of the trumpet

Abstract. This article aims to describe how the frevo can be used as a didactic-pedagogical tool for the technical study of the trumpet. In the theoretical foundation, we discuss important concepts related to the classifications and sub-classifications of the musical genre frevo and the insertion of the trumpet in each one of them, as well as the aspects that involve the learning process of frevo trumpet players. The methodology was built based on the theoretical assumptions of qualitative research and multicase study, having the semi-structured interview as the main data collection instrument. We observed a great scarcity of didactic materials focused on the technical and stylistic aspects of the trumpet in frevo, as well as a predominance of aspects that involve the informal learning of the genre. Finally, there was a need for the creation of didactic compositions that could assist in the understanding of the pedagogical potential of frevo in the process of learning the trumpet and the stylistic aspects of the genre itself.

Keywords. Frevo. Tool. Pedagogical. Trumpet.

1. INTRODUÇÃO

O frevo é um gênero musical pernambucano que emergiu no final do século XIX, onde acontecimentos sociais, históricos e culturais contribuíram para o seu processo de surgimento. Suas características estéticas são provenientes da mescla entre gêneros como o maxixe, a quadrilha, a polca e o dobrado militar, onde, desse último, foi herdada a escrita em compasso binário (Mendes, 2017). O resultado dessas influências, inicialmente, foi denominado de marchas carnavalescas pernambucanas, que posteriormente veio a se chamar frevo (IPHAN, 2006, p.40).



No decorrer do século XX, o frevo foi se firmando e conquistando seu espaço na história da cultura brasileira e pernambucana. É nessa perspectiva que, de acordo com Benck Filho (2008), faz-se necessário considerarmos os diversos aspectos que envolvem a manifestação do carnaval ao se estudar o gênero musical do frevo.

No que diz respeito à música, podemos evidenciar que o frevo tem despertado o interesse, por parte dos músicos e pesquisadores da área, como Benck Filho (2008), Barreto (2012), Simões (2013), Valente (2014), Mendes (2017), Oliveira (2019), Melo (2019) Roque Netto (2019), dentre outros.

Com base na leitura de trabalhos sobre o frevo e nas experiências práticas com o gênero, foi possível perceber uma lacuna no que se refere ao uso do repertório de frevo durante o processo de aprendizagem da técnica do trompete, principalmente nos estágios iniciais de desenvolvimento musical.

Em um breve levantamento realizado, foram encontrados alguns poucos estudos sobre a temática do trompete no frevo. No campo científico, podemos destacar as pesquisas de Benck Filho (2008) e Oliveira (2018). No que diz respeito à publicação de livros e/ou apostilas de cunho didático, podemos citar os trabalhos de Roque Netto (2019), Spok (2019), Luciano Magno (N.D), Maico Lopes (2020), Antônio de Pádua (2018) e Mendes (2019).

É nesse contexto, que chegamos ao seguinte problema de pesquisa: de que forma os elementos do frevo podem ser utilizados como ferramenta didático pedagógica para o estudo técnico do trompete?

O presente trabalho tem por objetivo principal descrever algumas das formas através das quais elementos característicos do frevo podem ser utilizados como ferramenta didático pedagógica para o estudo técnico do trompete. Como objetivo secundário, iremos elaborar duas composições didáticas com base no material coletado e analisado.

A partir deste trabalho de pesquisa, pretendemos contribuir com as produções científicas que envolvem a temática do frevo, sobretudo no que diz respeito aos processos de ensino e aprendizagem do trompete no gênero. Vale ressaltarmos que o presente artigo faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música do IFPE-Belo Jardim.

2. FUNDAMENTAÇÃO



2.1 O trompete nos diferentes contextos do frevo

Durante o processo de desenvolvimento histórico, cultural e estético do frevo algumas classificações e subclassificações foram incorporadas a este gênero musical, seja de acordo com sua formação instrumental ou com a sua função musical e social dentro da manifestação.

Foi a partir da década de 1930, com a popularização do ritmo pelas gravações em disco e pela difusão radiofônica, que se consagrou a subdivisão hoje estabelecida do frevo em frevo-de-rua, frevo-canção e frevo-de-bloco. O frevo-de-rua é o frevo sem mais, aquele cuja origem se discutiu até aqui: puramente instrumental, tocado e dançado nas ruas carnavalescas do Recife e de Olinda. O frevo-canção é uma derivação deste com adaptação de letra, mínimas diferenças musicais e não tão pequenas diferenças de contexto social (que serão discutidas adiante). Já o frevo-de-bloco apresenta diferenças musicais bem mais significativas, representando o aspecto dito *lírico* do carnaval pernambucano, com instrumentos, melodias e dança mais suaves, e um maior destaque à participação feminina (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, p. 61-62, 2006).

Além das classificações ressaltadas no documento do Iphan (2006), podemos observar outras subclassificações ou variantes, conforme apontado por Valente (2014). Segundo o autor, especificamente sobre o frevo de rua, podemos encontrar três subclassificações principais: frevo abafo, frevo coqueiro e frevo ventania. Em meio a esta discussão, evidenciamos que o trompete possui um grande protagonismo no frevo, sobretudo no frevo de rua e no frevo canção. É menos recorrente a inserção do trompete no frevo de bloco, onde prevalecem outras formações instrumentais, como aponta Saldanha (2008).

Em linhas gerais, podemos evidenciar o trompete exercendo diferentes funções em meio aos arranjos de frevo. Para Mendes (2017), o frevo de rua contém subdivisões em suas estruturas melódicas denominadas de antecedente (perguntas) e conseqüente (respostas), onde normalmente os metais fazem a pergunta e as palhetas respondem, posto que, o inverso também possa acontecer. Já no frevo canção, o trompete pode apresentar-se na introdução das canções, como *background* e solos de orquestra, não muito diferente dos frevos de bloco, porém utilizado com uma conotação mais leve e suave.

Em um outro contexto, o trompete no frevo assume um papel significativo ao ser incorporado na música de câmara, sendo explorado em diversas formações musicais inclusive como instrumento solo, por compositores como José Ursicino da Silva (Maestro Duda), Roque Netto, Dimas Sedícias, Gilson Santos, dentre outros, fazendo com que esse tipo de frevo, tocado nas ruas, também seja apresentado nos palcos dos teatros e salas de concerto.



É importante também frisar que o trompete também vem ganhando destaque como instrumento improvisador dentro das composições de frevo, onde podemos ouvir no álbum *S. Excia. O Frevo de rua (1965)*, da Orquestra Nelson Ferreira¹, onde o trompetista Albuquerque faz uma variação no tema Vassourinhas, conforme afirma o compositor e maestro Edson Rodrigues, (RODRIGUES, 2019 *apud* MELO p.59, 2019). Esse movimento ganhou ainda mais força com o surgimento do álbum “Passo de Anjo” da SpokFrevo Orquestra (2004), no qual podemos ouvir diversos improvisos dos trompetistas, tais como: Fabinho Costa, Enok Chagas, Alexandre Papa Léguas, entre outros.

Abordando um pouco a pluralidade do trompete dentro do gênero musical do frevo, o autor Oliveira (2018) salienta que os aspectos sociais influenciam diretamente na performance do músico: o trompetista que está tocando um frevo de rua pode sofrer influência direta do público, fazendo, por exemplo, com que o músico toque mais forte e mais agudo, sem se preocupar com afinação e sonoridade.

Frente ao exposto, vimos a relevância do trompete em meio ao gênero musical do frevo, seja como instrumento pertencente a diferentes formações orquestrais, ou como instrumento solista, através de composições dedicadas ao instrumento. Além disso, destacam-se as atuações de alguns trompetistas como improvisadores. Desse modo, as performances do músico trompetista, que se propõe atuar nesses diversos segmentos, passam a ser norteadas pela busca de repertórios, literaturas e metodologias que possibilitem o aprimoramento de técnicas/instrumental, bem como sua aplicação na linguagem do frevo.

2.2 O processo de aprendizagem dos trompetistas no frevo

Tratando sobre a aprendizagem do trompetista no frevo, autores como Benck Filho (2008), Oliveira (2018) e Melo (2019), são unânimes em afirmar que a prática informal é preponderante durante esse processo, tendo a auralidade como elemento fundamental nesse contexto.

No âmbito de algumas bandas de música e orquestras de frevo tradicionais no estado de Pernambuco, também é possível evidenciar alguns aspectos do ensino coletivo, onde os alunos são estimulados a tocar em grupo. No transcurso desse processo, os estudantes têm a

¹ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ccgj21qtrw8>



oportunidade de observar o próprio professor tocando, assim como outros alunos mais experientes. Dessa forma, todos são inseridos em uma perspectiva de aprendizagem baseada na escuta, na imitação, no desenvolvimento do senso crítico e na prática coletiva, tornando o processo de construção do conhecimento musical mais dinâmico, assim como pontua Swanwick (1994).

Existem alguns casos em que o músico amador não tem contato algum com qualquer prática de ensino e, por ter alguma habilidade com o instrumento e amizade com os componentes da orquestra, acaba se inserindo ao grupo e tocando à sua maneira, isto é, sem uma técnica musical bem construída, ignorando aspectos como: articulações, afinação etc. Oliveira (2018) reforça essa ideia ao afirmar que alguns instrumentistas chegam a tocar nas ruas antes mesmo de irem para uma escola especializada em música. Podemos acrescentar a esta discussão, o fato de serem escassos os materiais didáticos direcionados à aprendizagem do frevo, diferentemente de outros gêneros como o jazz, onde encontramos uma vasta literatura dedicada a diversos elementos, como articulações, harmonia, ritmo, entre outros.

Quando o trompetista de frevo busca por instituições formais de ensino, normalmente acaba estudando métodos tradicionais estrangeiros, como J. B. Arban, dentre outros (Benck Filho, 2008), assim como um repertório baseado em peças características dos diferentes períodos da história da música ocidental. Conforme Oliveira (2018), após passar por essa formação acadêmica e/ou musical formal, o músico pode despertar uma tendência de não voltar a tocar nas ruas, procurando atuar em ambientes mais próximos do contexto das salas de concerto e auditórios, a exemplo das orquestras de palco, onde se toca com som amplificado, até mesmo sentado, longe de algumas eventuais inconveniências que a rua trás, como empurrões, banhos de bebidas alcoólicas, chuva, sol, etc. Ademais, em meio a esse espaço de atuação, o músico tem a oportunidade de interpretar o frevo com uma gama maior de elementos musicais, como dinâmicas, acentuações, inflexões e improvisações (Ibidem, 2018).

Nesse ínterim, consoante aponta Melo (2019), precisamos compreender que nenhuma dessas práticas se sobrepõe a outra, e que, na verdade, elas se complementam, tendo várias características em comum, como o trabalho com base na escuta e a prática instrumental.

Com isso podemos compreender que existem diferentes espaços de formação e aprendizagem no que tange o perfil dos trompetistas de frevo, nos quais nos deparamos com contextos de aprendizagem formal e informal. Diante desses dois contextos principais, os



trompetistas podem ter um direcionamento voltado especificamente para um desses contextos ou pertencer a ambos.

3. METODOLOGIA

Frente ao objetivo da nossa pesquisa, que visa descrever algumas das formas através das quais elementos característicos do frevo podem ser utilizados como ferramenta pedagógica para o estudo técnico do trompete, adotaremos uma abordagem qualitativa, a partir de um olhar mais detalhado sobre questões que envolvem as experiências musicais, as características de um determinado gênero musical, neste caso o frevo, a exploração dos currículos escolares, a vivência de sala de aula e os estudos formativos relacionados aos materiais curriculares, conforme escreve Bresler (2000).

A busca por compreendermos diferentes formas de se utilizar o gênero musical do frevo como ferramenta didático-pedagógica para o estudo do trompete, a partir das vivências musicais e pedagógicas de 4 (quatro) professores especialistas da área, nos conduziu à escolha do estudo multicaso. Segundo Yin (p. 17, 2015), este método investigativo nos permite compreender de forma integral “um fato específico dentro do seu contexto de vida real.”

3.1 Sujeitos da pesquisa

Para a realização deste trabalho científico, optamos por entrevistar 4 (quatro) professores de trompete pertencentes a instituições de ensino musical, de nível técnico, localizadas nas cidades de Recife-PE e Olinda-PE.

A definição dos critérios da escolha da região escolhida, se deu ao fato das duas cidades terem uma visibilidade relevante quanto às práticas musicais do gênero, somado ao número expressivo de escolas de ensino com ofertas de vagas para o estudo de trompete. Quanto aos professores, todos estavam inseridos no universo do frevo através de trabalhos acadêmicos ou trabalhos artísticos.

Seguindo os parâmetros para uma conduta ética dentro da pesquisa científica, decidimos preservar a identidade dos participantes, bem como das instituições às quais eles faziam parte. Nesse sentido, atribuímos pseudônimos para um deles, como no exemplo a seguir: professor A; professor B; professor C e professor D.



3.2 Entrevista semiestruturada

Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio de plataformas digitais. As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade dos professores participantes. As perguntas foram organizadas em uma sequência planejada, começando com questões gerais sobre o ensino do trompete e avançando para perguntas mais específicas, com o intuito de compreender quais fundamentos e materiais didáticos eram utilizados, além de investigar se o frevo era incorporado ao currículo das instituições.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Fundamentos básicos do trompete

Para compreendermos os aspectos ligados ao nosso problema de pesquisa, consideramos importante descrever a visão dos professores de trompete acerca dos principais fundamentos necessários para os instrumentos. Nesse sentido, foram feitas algumas perguntas no intuito de entender os principais elementos técnicos trabalhados por eles em sala de aula. Inicialmente, lançamos a seguinte pergunta: Na sua opinião quais os principais fundamentos técnicos essenciais para o estudo e/ou aprendizagem do trompete? De modo geral, os principais fundamentos elencados pelos professores foram: respiração, fluência/fluxo, emissão, articulação, escalas, flexibilidade, afinação, postura e arpejos.

O aspecto respiração foi citado por 75% dos professores, onde o professor D destacou que “quanto mais cedo trabalharmos o fator fisiológico respiração, algum preparo físico antes de tocar, um aquecimento, alongamento do corpo, automaticamente você está preparando seu cérebro”. Em consonância com os entrevistados, vários artigos científicos abordam a respiração como um fundamento essencial para a prática do trompetista, dentre os quais Simões (2001) Beltrami (2008), Vecchia (2008), Baptista (2010), Rocha (2016) e Lima (2019).

Conforme Beltrami (2008), as formas de respiração mais eficientes, que preenchem satisfatoriamente os pulmões, são de extrema importância para o desenvolvimento da capacidade respiratória e resistência do trompetista, também destacando a postura que deve estar ereta e alinhada. Além disso, o autor apresenta um capítulo relacionado à afinação,



expondo as dimensões dos tubos que compõem o trompete, indicação de tendências de afinação de acordo com a combinação das válvulas e correção através dos gatilhos, problemas relacionados a série harmônica e temperatura ambiente.

Baptista (2010, p. 17) afirma que “o estudante deverá inicialmente tocar sem *vibrato*, tendo como principal objetivo obter o controle do fluxo de ar e afinação precisa das notas”, e que é recomendável a prática diária das escalas, sejam elas maiores, menores ou cromáticas. Essa seção também aborda diferentes variações de escala, bem como questões relacionadas à articulação.

De acordo com os princípios defendidos pela Escola de Boston, alcançar uma sonoridade de qualidade envolve o uso da vibração (ou ressonância) e requer um esforço físico mínimo, evitando pressões externas sobre o corpo do instrumento e os lábios (Simões, 2001). É importante ressaltar que a vibração está intrinsecamente relacionada à emissão.

Em se tratando de articulação, o autor supracitado destaca a importância do começo, meio e fim das notas quando diz:

Começo: deve-se iniciar o som com o mínimo de esforço possível, sem forçar o ataque, apenas gerando uma vibração adequada para o contexto. Ter em mente uma pronúncia natural. A proposta da escola é a sílaba "DHOT". O som da letra "t" deve ser mudo, como na pronúncia da palavra "HOT" em inglês. Este começo de nota deve adaptar-se ao contexto. Meio: estágio que define valor ou tamanho da nota. (mínima, semicolcheia etc). Fim: é a etapa mais importante da nota. Determinamos com ele a projeção do som e a conclusão das frases. Quanto mais bruscamente a nota é cortada, mais ela se projetará (Simões, p. 18, 2001).

Em busca de expansões técnicas voltadas para digitação, Fonseca (2022) incorpora a prática de escalas e arpejos maiores com até três sustenidos e bemóis, conseqüentemente, em momento oportuno, a adição de mais alterações, escalas e arpejos menores.

Tendo em vista o aprimoramento na conexão entre notas em graus disjuntos e expansão de tessitura, Fonseca (2022) destaca a prática de exercícios de *legato* na série harmônica, conhecidos como “flexibilidade labial”.

4.2 Bibliografia voltada para o ensino do trompete

Com relação ao segundo tópico do roteiro da entrevista, perguntamos aos professores se eles poderiam “elencar os principais métodos/livros utilizados no seu programa de ensino”. A partir das respostas, evidenciamos que os entrevistados citaram uma diversa relação de autores de métodos escritos para trompete, sem necessariamente fazer uma referência direta ao



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS BELO JARDIM
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

título das suas respectivas obras. Nessa direção, foi possível compor o seguinte quadro de autores, a saber: J.B Arban, Clarke Edwards Hovey, Charles Colin, James Stamp, Theo Charlier, Max Schlossberg, Walter Smith, Concone, Philip Farkas, Allen Vizzutti, Vicent Cichowicz, Saints Jacome, Merri Franquin e Breeze Easy.

Quadro 1 - Lista dos métodos/autores citados pelos professores entrevistados

Métodos/Autores	Professores
Allen Vizzutti (1991)	A
J.B Arban (1936)	A, B, C e D
Breeze Easy (1979)	D
Concone (1972)	A
Charles Colin (1972)	A e D
Edwards Hovey 1 e 2 (1942)	A e B
H.L. Clarke (1934)	A, B, C e D
James Stamp (1978)	A e C
Max Schlossberg (1937)	C e D
Merri Franquin (1910)	C
Philip Farkas (1966)	A
Saints Jacome (1894)	C
Theo Charlier (1948)	C e D
V. Cichowicz (2011)	C
Walter Smith (1935)	A

Fonte: O autor (2023).

No tocante a essa discussão sobre os métodos utilizados no ensino do trompete, é importante ressaltar uma fala do professor C, acerca da utilização de músicas ou repertórios que considerem as realidades socioculturais dos estudantes. Conforme o entrevistado, o “Concone é um livro ótimo, mas como professor, deveríamos colocar os meninos pra tocar músicas do dia a dia mesmo. Uma melodia bonita para o trompete”. A partir da afirmação do professor C, podemos refletir sobre a necessidade de explorarmos ao máximo todas as possibilidades didáticas e pedagógicas de ensino técnico do trompete, com atividades significativas para os alunos.

Seguindo a mesma ideia, o professor D diz que: “Trabalho o hino do Homem da Meia Noite, porque ele gosta do Homem da Meia Noite, então trabalho como uma música realmente melódica. Como ele conhece, fica mais fácil de trabalhar assim. De certa forma, ele entende melhor o que seria as notas ligadas, fazendo bem lento. Então ele começa a praticar essa coisa do fluxo de ar”. Para Ilari (2012),

não se trata de opor padrões musicais, nem de descartar *a priori* alguma proposta pedagógica, em sua totalidade, por seu vínculo com certa concepção estética. Cabe a uma educação musical sintonizada com o mundo contemporâneo reconhecer e acolher a multiplicidade tanto de manifestações musicais, quanto de formas de experienciar a música na vida cotidiana, formas estas que têm se renovado com bastante rapidez nos



últimos anos, inclusive em decorrência dos avanços tecnológicos e das novas mídias (Ilari, p. 21, 2012).

4.3 A inserção do frevo nas aulas de trompete

No que diz respeito ao terceiro tópico, lançamos a seguinte pergunta aos entrevistados: Você utiliza o frevo durante suas aulas de trompete? Se sim, de que forma? Constatamos que os professores B, C e D utilizam o gênero supracitado em suas aulas, mesmo não fazendo parte da ementa do curso. “Nos últimos 5 anos eu uso, não de maneira institucionalizada, uso de maneira informal na sala de aula”, declara o professor D.

Na falta de um método específico, que de fato auxilie aos alunos no processo inicial de como tocar o frevo, percebemos que os professores adaptam ou criam alguns recursos de ensino com base em métodos tradicionais já consolidados. Esta afirmativa pode ser observada na fala do professor C, quando destaca que “na época, pra muita gente isso era um sacrilégio, dizer ‘Arban no frevo’! Porque eu dizia: _ quer aprender a tocar frevo? Toque o Arban... dobre o andamento. Eu faço o frevo sempre com o triplo”.

Ao trazer aspectos de sua própria experiência de aprendizagem no frevo, o professor A menciona a escassez de materiais didáticos sobre o gênero e afirma que: “o que sei e aprendi, é como quase todo mundo, na rua tocando. A gente nunca aprendeu nada de frevo em algum livro”.

4.4 Bibliografia direcionada ao ensino do trompete no frevo

Na penúltima pergunta do nosso questionário, questionamos: “Você conhece algum ou mais materiais didáticos como livros, alguns estudos, partituras, dentre outros, voltado à aprendizagem do trompete no frevo?”, obtendo o seguinte gráfico:

Quadro 2 - Lista dos livros e artigos citados pelos professores entrevistados

Professor	Livros	Trabalhos Científicos
A	<ul style="list-style-type: none">• Solando Frevo (Spok)• O Trompete no Frevo (Roque Netto)• Livros publicados pelo autor Marcos FM• Nilson Amarante (Não publicado)	<ul style="list-style-type: none">• Melo (2019)• Oliveira (2018)• Benck Filho (2008)• Simões (2013, não publicado)
B	<ul style="list-style-type: none">• Livros publicados pelo autor Marcos FM	<ul style="list-style-type: none">• Não citou



C	<ul style="list-style-type: none">• Não citou	<ul style="list-style-type: none">• Não citou
D	<ul style="list-style-type: none">• Solando Frevo (Spok)• O Trompete no Frevo (Roque Netto)• Nilson Amarante (Não publicado)• Cartilha de Nailson (Não publicado)• Maico Lopes	<ul style="list-style-type: none">• Não citou

Fonte: O autor (2023).

Mesmo diante tais citações, percebemos a falta de um método dirigido para quem realmente queira dar os primeiros passos no gênero, quando o professor D aponta que: “quando penso em um método específico, penso eu, seja algo que comece fazendo algumas coisas de fundamentos, faça os intervalos, trabalhando os elementos do frevo, para que no final eu consiga tocar o frevo”.

Ainda tratando do mesmo tema, o professor A fala: “de trompete mesmo eu só conheço o de Roque, que é baseado na experiência dele! Os livros de Marcos FM, que são voltados para composição, mas não sei nem se existe. Se tiver também me fala pra comprar e ler”. Em mais um comentário, constatamos a importância do método Arban, aliado a um bom condicionamento físico para que o músico obtenha êxito nos 4 dias de carnaval, quando o professor B revela que “quando era início de dezembro a gente tinha que estar com o Arban debaixo dos dedos e a gente tinha que começar a correr todos os dias pra poder aguentar o carnaval”.

O conceito de som do trompetista tem ligação direta com o desempenho físico. Pulmões saudáveis, musculatura abdominal fortalecida, língua tonificada e condicionada para o uso das vogais, lábios bem posicionados, musculatura ao redor dos lábios preparada para suportar a pressão que o bocal exercerá sobre ela. Todos esses fatores contribuirão para a qualidade do som e, conseqüentemente, para afinação precisa (Baptista, p. 38, 2010).

4.5 Estudos técnicos a partir de células do frevo

Por último, em busca de entendermos o potencial pedagógico do frevo, perguntamos: Você acredita que é possível estudar os fundamentos técnicos do trompete a partir do repertório do frevo? Se sim, poderia citar algum exemplo? Obtivemos três (3) respostas positivas e uma (1) resposta considerando que nunca refletiu sobre isso. Perante o exposto, observamos as



diversas ferramentas que o gênero nos apresenta, quando o professor D afirma que pede para o aluno estudar ornamentos e transposição de uma só vez, segundo ele, “com relação ao estudo de *staccato* duplo, para os alunos que estão um pouco mais avançados, você pode pegar por exemplo ‘Gostosão’, tocar os 4 ou 5 primeiros compassos, já fez uma alusão ao frevo, e aí você pega e modula”.

Em conformidade com o conceito, o professor A destaca: “umas das coisas que acho que o frevo tem melodicamente difícil, claro, não todos os frevos, mas a maioria é a questão de termos que utilizar o *staccato* duplo e triplo, na maioria das vezes”.

Quanto ao quesito técnico, dentre eles escalas, intervalos e arpejos, o professor B indica o estudo das partituras dos saxofones, quando revela: “eu aconselho os trompetistas estudarem as frases dos saxofones, pois encontramos muitas coisas técnicas que você pode utilizar mais arde em outros frevos ou em outras músicas”. Relacionado as escalas, afirma ainda: “frevos que iniciam com escalas, como “É de Perder os Sapatos”, do saudoso maestro Nunes”. E complementa dizendo: “Relembrando o Norte é excelente para estudar arpejos menores”.

Em busca de trabalhar o lirismo e os principais fundamentos, o professor A explica que “se a gente pega ‘Cabelo de Fogo’, que é um frevo bem fácil melodicamente, mas se você trouxer para um aluno pra ele tocar ‘Cabelo de Fogo’, e você propor que ele toque as propostas de fundamentos nessa melodia, você vai ver que não é tão fácil tocá-lo”.

Por fim, na tentativa de protagonizar o frevo, trazendo-o para as audições e recitais, o professor C destaca: quando você pega os frevos canção que são lentos, as marchas de Capiba, e utilizá-las como obras pra se tocar nas audições, como obras obrigatórias, principalmente para professor aqui em Recife ou daqui de Pernambuco, diria que deveria ser um material obrigatório”.

4.6 Proposições didáticas para o estudo do trompete utilizando o frevo

No desenvolvimento deste trabalho foram elaboradas algumas composições a partir da exploração de alguns elementos, organizados sob diferentes parâmetros, visando aprimorar o processo de estudo e aprendizagem do trompete por meio do frevo.

Para isso, elaboramos frases que se enquadram dentro de uma oitava e meia da tessitura natural do instrumento, bem como armaduras de clave com no máximo uma alteração, seja



sustenido ou bemol. Além disso, as frases musicais apresentam graus de dificuldade acessíveis para os trompetistas, proporcionando um progresso gradual aos estudantes de nível básico.

Podemos observar que esses parâmetros composicionais e pedagógicos estão bastante presentes nos frevos escritos pelo compositor José Nunes de Souza², a exemplo do frevo “Cabelo de Fôgo”. Dentre as características do frevo citado, podemos destacar a tonalidade de ré menor (apenas um bemol na armadura), bem como a tessitura da parte do primeiro trompete, configurada dentre de uma oitava. Além destes, salientamos o fraseado construído com células rítmicas com menor grau de complexidade.

Imagem 1 – Partitura do 1º Trompete em Bb da música Cabelo de Fôgo

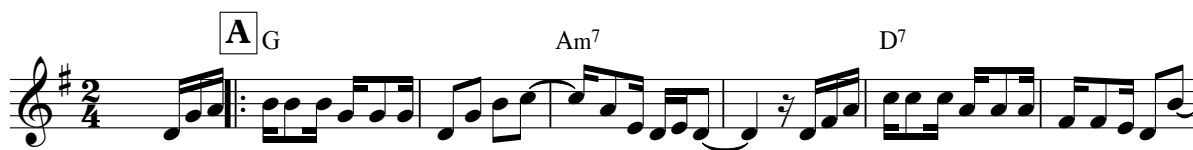
Fonte: O autor (2023).

O Estudo de N^o 1 (**Apêndice B**) concentra-se na exploração do elemento técnico denominado *stacatto*, tanto simples quanto duplo, utilizando figuras rítmicas de síncopas e semicolcheias. Por outro lado, o Estudo N^o 2 (**Apêndice B**) sugere a prática de fluência e intervalos, com ênfase em intervalos de 3^a maiores e menores, 4^a justa, até no máximo 5^a justa, utilizando semicolcheias e colcheias.

² José Nunes de Souza, Maestro Nunes, nascido em Vicência, Pernambuco, graduado em música pela UFPE e em regência pela Faculdade de Filosofia do Recife. Informação disponível em: http://www.frevo.pe.gov.br/arranjadores_nunes.htm. Acesso em 26 de setembro de 2023.



Imagem 2 – Estudo N° 1



Fonte: O autor (2023).

Imagem 3 – Estudo N° 2



Fonte: O autor (2023).

Cada estudo é acompanhado de suas respectivas cifras, permitindo uma melhor compreensão harmônica e interpretação das melodias propostas. Outrossim, três *playbacks* serão disponibilizados através da plataforma *Google Drive*³, incluindo instrumentos de base e rítmicos, em três diferentes andamentos: lento, moderado e rápido. Esses recursos adicionais visam proporcionar aos estudantes um contexto musical completo e diversificado, possibilitando a aplicação dos conceitos teóricos na prática e o desenvolvimento de habilidades técnicas e expressivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo descrever como o frevo pode ser utilizado como ferramenta didático-pedagógica para o estudo de aspectos técnicos do trompete. Para isso, buscamos entender o processo de aprendizagem do trompetista no frevo, as funções que o trompete exerce no contexto do gênero, além dos principais elementos técnicos trabalhados de maneira geral no estudo do referido instrumento. Embora os fundamentos apresentados não

³ Link para acesso:

<https://drive.google.com/drive/folders/1m43w3oaNS8Q80Uku4v0sPSJojKfwf8oF?usp=sharing>



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS BELO JARDIM
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

compreendam a totalidade de aspectos que envolvem a prática do trompete, entendemos que eles se constituem enquanto elementos fundamentais para a performance musical do trompetista.

A partir da fala apresentada pelos professores de trompete, atuantes em meio ao cenário do frevo, constatamos o potencial didático e pedagógico do gênero para o estudo dos fundamentos da técnica instrumental do trompete, tais como: escalas, intervalos e arpejos, que são características muito presente nos frevos, o estudo da fluência e o lirismo com o auxílio de melodias mais simples, dentre outros.

Dada a escassez de materiais pedagógicos na área de ensino do frevo, compreendemos que aspectos como a auralidade, o tocar com músicos experientes, dentre outros aspectos da aprendizagem informal ainda são preponderantes no processo de aprendizagem do trompetista de frevo. Essa escassez fica ainda mais evidente quando falamos de métodos específicos que trabalhem os fundamentos do trompete de modo que, ao final, o músico consiga tocar o frevo com maior domínio técnico e interpretativo.

Nesse sentido, tomando como base as colocações dos professores entrevistados, elaboramos duas composições didáticas, com elementos rítmicos e melódicos presentes na estética do frevo em busca de aprimorar alguns fundamentos do trompete como: *staccato* simples e duplo, fluência e intervalos, buscando contribuir com as produções pedagógicas e científicas da área.



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS BELO JARDIM
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

REFERÊNCIAS

- ARRANJADORES. Maestro Nunes. Frevos de Pernambuco. Disponível em: http://www.frevo.pe.gov.br/arranjadores_nunes.htm. Acesso em: 02 out. 2023.
- BAPTISTA, P. C. **Metodologia de estudo para trompete**. Dissertação (Mestre em Musicologia) – Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2010.
- BARRETO, A. C. **Improvizando em Música Popular: Um estudo sobre o choro, o frevo e o baião e sua relação com a “música instrumental” brasileira**. Tese (Doutorado em Música). – Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP: [s.n.], 2012.
- BELTRAMI, C. A. **Estudos dirigidos para grupos de trompete: Fundamentos técnicos e interpretativos**. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- BENCK FILHO, A. M. **O Frevo-de-Rua no Recife: Características Socio-Histórico-Musicais e um esboço estilístico-interpretativo**. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-graduação em Musica, Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA: [s.n.], 2008.
- BRESLER, L. Metodologias qualitativas de investigação em educação musical. **Música, Psicologia e Educação**. Revista do Centro de investigação em Psicologia da Música e Educação Musical - CIPEM. Escola Superior de Educação do Porto. Portugal, 2000.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ILARI, T. M. B. **Pedagogias em educação musical**. Curitiba-PR: InterSaberes, 2012.
- IPHAN. **Dossiê de candidatura do frevo a Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil**. Recife: Prefeitura do Recife / IPHAN, 2006.
- LIMA, W. L. de. **Contribuição para o ensino não presencial de fundamentos técnicos-práticos do trompete: videoaulas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa, 2019.
- LOPES, M. V. **Trompete Brasileiro Vol. 1**. Rio de Janeiro-RJ: Niterói, 2020.
- MAGNO, L. **Guitarra no frevo**. Recife-PE: Dpx Editorial, ano desconhecido.



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS BELO JARDIM
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

MELO, N. R. de. **Improvisação idiomática no frevo de rua**: um estudo multicaso com músicos atuantes no gênero. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa, 2018.

MENDES, M. F. **Arranjando frevo de rua**: dicas úteis para orquestras de diferentes formações. Recife-PE: Cepe, 2017.

OLIVEIRA, É. V. C. de. **A articulação no frevo de rua**: um levantamento com trompetistas de Olinda e Recife. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa, 2018.

PÁDUA, A. **Métodos brasileiros: trompete**. Natal-RN: Pádua Produções Artísticas, 2018.

ROCHA, A.F.A. **A importância da rotina diária no ensino especializado de trompete**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Minho, Braga-Portugal, 2016.

ROQUE NETTO. **O Trompete no frevo**: método RoqueNetto – trumpet, cornet, flugelhorn. Recife-PE: B52 Cultural, 2019.

SALDANHA, Leonardo Vilaça. **Frevando no Recife**: A Música Popular Urbana do Recife e sua Consolidação Através do Rádio. Campinas, 2008. 295f. Doutorado em Música, Instituto de Artes, Universidade de Campinas – Unicamp, Campinas, 2008.

SIMÕES, N. **A Escola de Trompete de Boston e Sua Influência no Brasil**. Debates, 5. 2001.

SIMÕES, N. **A importância da articulação na interpretação do frevo pernambucano**. Recife: [s.n.], 2013. Não publicado.

SPOK: **Solando frevo**. Recife-PE: Passo de Anjo, 2019.

SWANWICK, K. Ensino Instrumental Enquanto Ensino de Música. Trad. Fausto Borém de Oliveira. In: **Cadernos de Estudos Educação Musical 4/5**, Belo Horizonte, Atravéz, 1994) 7-14.



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS BELO JARDIM
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VALENTE, F. **Spok e o novo frevo um estudo etnomusicológico.** LISBOA: [s.n.], 2014.

VECCHIA, F. D. **Iniciação ao trompete, trompa, trombone, bombardino e tuba: processos de ensino e aprendizagem do método Da Capo.** 124 p. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.



APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1ª pergunta:

Na sua opinião, quais os principais fundamentos técnicos essenciais para o estudo e/ou aprendizagem do trompete?

2ª pergunta:

Você poderia elencar os principais métodos/livros utilizado no seu programa de ensino?

3ª pergunta:

Você utiliza o frevo durante suas aulas de trompete? Se sim, de que forma?

4ª pergunta:

Você conhece algum ou mais algum livro ou material didático como livros, alguns estudos, partituras, dentre outros voltado para a aprendizagem do trompete no frevo?

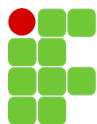
5ª pergunta:

Você acredita que é possível estudar os fundamentos técnicos do trompete a partir do repertório do frevo? Se sim, poderia citar algum exemplo?



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
CAMPUS BELO JARDIM
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

**APÊNDICE B
ESTUDOS PROPOSTOS**



Trompete em Sib **Estudo de N° 1**
(Parte "A" Staccato simples e parte "B" Staccato duplo)

8

A G Am⁷ D⁷

8 G Bm⁷(b⁵) F^{#7} Am⁷ A^{#m}⁷ G/B E⁷

15 **To Coda** 1. G G 2. **B**

20

24 Am⁷ D⁷ G

30 Bm⁷(b⁵) E⁷ Am⁷ A^{#m}⁷ G/B E⁷ 1. Am⁷ D⁷

36 2. Am⁷ D⁷ G **D.S. al Coda**

39



Estudo de N° 2

Trompete em Sib (Parte "A" Fluência e parte "B" Intervalos)

1.

7.

14.

21.

29.

35.

40.